

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
DO OUTRO LADO DO ESPELHO  
03 de agosto de 2022

# ORPHÉE / 1949

(Orfeu)

um filme de Jean Cocteau

**Realização e Argumento:** Jean Cocteau / **Fotografia:** Nicholas Hayer / **Montagem:** J. Sadoul / **Direcção Artística:** Jean D'Eaubonne / **Música:** Georges Auric / **Interpretação:** Jean Marais (Orphée), François Périer (Heurtebise), Maria Casarès (Princesa), Marie Déa (Eurydice), Edouard Dermit (Cégeste), Pierre Bertin (inspector), Jacques Varennes (juiz), Roger Blin (escritor), Juliette Gréco (Aglaonice), Jean Cocteau (narrador), etc.

**Produção:** Émile Darbon, para Films du Palais Royal / **Cópia:** dcp, preto e branco, legendado eletronicamente em português, 95 minutos / **Estreia Mundial:** Paris, 25 de Julho de 1950 / **Estreia em Portugal:** 20 de Agosto de 1951, no cinema Tivoli.

---

**Orphée**, uma das obras-primas absolutas da história do cinema, tem por base a peça homónima que Cocteau escreveu e encenou em Paris em 1926; logo, o primeiro trunfo do filme é o facto de ser totalmente cinematográfico, sem qualquer resquício de intromissão dos meios expressivos do teatro na linguagem do cinema, circunstância cujo alcance todo o cinéfilo apreciará. A peça já continha vários elementos que mais tarde seriam retomados no filme: a Morte vista como uma "grande dame" ultra-chique, vestida por Coco Chanel; Heurtebise (nome da marca do elevador do prédio onde morava Picasso), o anjo que, na peça, remetia indirectamente para S. Tomás de Aquino e que vestia uma espécie de fardo feito de vidro e madeira (como a figura insólita que aparece no filme durante as catábases [descidas ao inferno] de Orphée e Heurtebise), interpretado pelo próprio Cocteau; todo o jogo de espelhos que corresponde quase à própria assinatura de Cocteau. A "personagem" do Rolls Royce no filme correspondia, na peça, a um cavalo mágico, que emitia mensagens enigmáticas e anagramas, cuja decifração revelava palavras tão inesperadamente simples como "merde". De um modo geral, a peça era mais uma tentativa da parte de Cocteau de responder à célebre provocação de Diaghilev ("étonne-moi!", exortação que é repetida, no filme, a Jean Marais, na sequência do Café des Poètes) do que propriamente uma obra amadurecida do ponto de vista artístico (o papel da Morte, por exemplo, era interpretado por Barbette, um notório "travesti" parisiense, o que vincava a vontade de Cocteau de chocar a assistência, fosse de que maneira fosse).

Neste aspecto, **Orphée**-filme é uma obra muito mais "integrada". Cocteau tinha já uma ideia definida daquilo que queria fazer, mesmo que essa "definição" não fosse susceptível de qualquer objectivação racional: nunca nos podemos esquecer, ao abordar esta figura extraordinária, que foi Cocteau que deu a Descartes a réplica mais filosoficamente desconcertante de sempre, "je ne pense pas, donc je suis". Seja como for, é óbvio que as duas grandes vertentes da existência humana que Cocteau decidiu focar em **Orphée** são o amor e a morte, entre as quais a poesia

(palavra que, para Cocteau, significava qualquer actividade criativa) avulta como uma espécie de elo de ligação, uma vez que o poeta é aquele que, por meio da imortalidade que as "rosas das Musas" (na expressiva frase de Safo) lhe conferem, consegue vencer a morte, ao mesmo tempo que a sua pessoa e a sua obra surgem como um diapasão emocional relativamente ao qual nós (leitores, estetas, espectadores, amantes) podemos afinar os nossos próprios sentimentos. Daí as presenças emblemáticas de Jean Marais e de Edouard Dermit no filme (duas figuras de primeira importância na vida sentimental de Cocteau), em relação às quais a Morte (Maria Casarès) não consegue permanecer indiferente, a ponto de desejar Dermit na qualidade de "gigolo" (como é sugerido no início) e de se apaixonar perigosamente por Marais. Claro que tudo isto aponta para a postulação de que **Orphée** não é mais do que uma autobiografia metamorfoseada em mito, entendendo por "mito" uma narrativa que relata uma série definida de eventos cujo significado global, impossível de objectivar de forma límpida e linear, transcende em muito a soma racional das suas partes. Assim, Orfeu é Cocteau e Narciso (note-se o espantoso "raccord" que articula os planos de Marais a observar-se no espelho da morte e a acordar com a cara reflectida na água), ao mesmo tempo que é encarnado pelo amante e alter ego de Cocteau, Jean Marais, que aparecerá, curiosamente, em **Le Testament d'Orphée** (1960) no papel de Édipo, figura mítica com a qual Cocteau se identificava tanto como com as de Orfeu e Narciso.

Esteticamente, **Orphée** é uma daquelas glórias do cinema a preto e branco, com um universo visual detentor da elegância exímia e de todo o poder inventivo dentro da linguagem especial do preto e branco que associamos às grandes obras-primas simultaneamente cinemáticas e pictóricas que são (por exemplo) **Notorious** (Hitchcock), **L'Avventura** (Antonioni), **Viaggio in Italia** (Rossellini) ou **Morangos Silvestres** (Bergman). Tal como nesses filmes, todos os pormenores falam, desde o polido do Rolls ao papel de parede no quarto de Orphée, desde os enquadramentos das paisagens reais e imaginárias à forma como cada personagem adquire densidade psicológica pelo modo como é fotografada. Nisto Cocteau revela-se espontaneamente um mestre do cinema, da mesma forma que revelou inesperadamente os seus talentos no âmbito das outras formas artísticas que cultivou. É mesmo possível que tenha sido o cinema a modalidade de expressão poética (na acepção do próprio Cocteau) a conferir ao autor aquilo que lhe estava constantemente a fugir das mãos no contexto da sua actividade criativa como poeta, pintor, "designer", dramaturgo, etc. – a tal imortalidade de que a sua recepção no Institut de France como "académicien" foi o sinal exterior: por outras palavras, um lugar assegurado na história da cultura artística do século XX, sentado de pedra e cal ao lado dos seus queridos amigos e colegas, Picasso e Stravinsky. E **Orphée** é claramente o "magnum opus", a obra de arte ao mesmo tempo clássica, rococó e surrealista, que autoriza tal valorização da figura fascinante de Jean Cocteau.

Frederico Lourenço